

“A Vila que ficou Velha” Mediações que permeiam a Comunicação Comunitária no Jornal Vila Notícia¹

Janaina de Holanda RODRIGUES²
Catarina Farias de OLIVEIRA³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Resumo

O presente artigo pretende identificar as diversas mediações que permeiam o conceito de comunicação comunitária a partir do contexto dos comunicadores produtores do Jornal e do Site⁴ Vila Notícia. Estes comunicadores são moradores do Bairro Vila Velha, localizado na zona oeste de Fortaleza. O bairro é tradicionalmente marcado pela carência nas áreas da educação, da saúde, da segurança e de políticas públicas de inclusão social. A nível teórico, o artigo procura problematizar o conceito de comunicação comunitária, quando este é mediado nesta experiência comunicacional pelas mediações: das CEBs, de mercado, de desenvolvimento e de empreendedorismo, bem como, dos movimentos sociais. A metodologia da pesquisa adotada segue a perspectiva qualitativa com uma inserção etnográfica.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; mediações; desenvolvimento e empreendedorismo.

1 Introdução

O artigo discute sobre a experiência de produção midiática do Jornal e do site Vila Notícia, localizada na periferia de Fortaleza. Acreditamos que pesquisar esta prática comunicacional possibilitará uma reflexão conceitual a partir do estudo da categoria comunicação comunitária. O nosso interesse é entender o que se modifica quando estas categorias ganham sentido a partir de mediações que compõem esta experiência de jornal do bairro. Entendemos que há mudanças no cenário sociopolítico em que os jornais de bairro florescem e que o conceito de comunicação comunitária precisa ser repensado, quando as mediações políticas, religiosas, sociais e de mercado influenciam a experiência do Vila Notícia.

¹ Artigo apresentado no GP Comunicação para a Cidadania XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFC e graduada em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela UFC. E-mail: janainahr@gmail.com.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: catarinaoliveira30@gmail.com

⁴ Site www.vilanoticia.com

A partir desse estudo inicial foram realizadas inserções etnográficas no bairro com o objetivo de conhecer o espaço de produção do Vila Notícia. De início optamos em ir ao bairro de ônibus para tentar situar e conhecer as ruas e avenidas do Vila Velha. Nessas primeiras visitas conversamos com moradores e comerciantes. Sempre com uma edição do Vila Notícia em mãos. Tentamos encontrar leitores, personagens, patrocinadores e colaboradores do jornal.

2. O conceito de mediações para pensar o Vila Notícia

Levando em consideração que o conceito de mediações é fundamental para compreendermos como o conceito de comunicação comunitária se liga a experiência comunicacional do Vila Notícia, vamos destacar as diversas mediações que permeiam a comunicação no bairro Vila Velha.

Conceito fundamental em Martín-Barbero (2009), mediação deve ser entendida como um conjunto de influências que estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. É importante pensar mediações como estruturas que atravessam as práticas sociais, políticas e culturais na sociedade ligando estas aos sujeitos. A proposta de passar dos meios às mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009) se funda na ideia de que a vida social dá sentido às modalidades de comunicação com novas relações e novos usos, tendo em vista que as tecnologias materializam mudanças no cotidiano das pessoas e que elas são produtoras de sentidos.

A comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimentos. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir do seu *outro* lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 28).

Para Martín-Barbero (2009), a cultura e a política são as mediações constitutivas nos processos, vivências sociais e comunicativas, pois é delas que outras mediações se desenvolvem. Destacamos que o pesquisador relaciona a comunicação à cultura, e esta, à política. Martín-Barbero (2002) estabelece que a pesquisa introduz duas mediações fundamentais: anacronias e fragmentações. Como o próprio nome nos leva a pensar, as anacronias nos indicam as diferentes relações com os tempos. Martín-Barbero (2002, p. 42–44) estabelece a ideia de pluralidade de tempos, pois há uma multiplicidade de

temporalidades que convivem na modernidade latino-americana, bem como não há uma única história.

Orozco (1996) faz reflexões sobre mediações classificando-as em: individuais, situacional, institucional e videotecnológicas, mas de acordo com o autor todas essas divisões são perpassadas pela cultura. Segundo Orozco (1996), as mediações Individuais são constitutivas da relação do sujeito com o discurso televisivo, pois com elas o sujeito interatua, intercambia, produz e reproduz sentidos e significados. Já a mediação Situacional pode identificar como a emissão televisiva encontra o receptor: sozinho ou acompanhado, com atenção exclusiva ou disperso, trocando considerações com outros telespectadores ou não, no espaço social ou íntimo da casa.

Orozco (1996) considera que na mediação Institucional encontramos as instituições a que pertencem o receptor como: escola, empresa, Igreja, partidos políticos, família etc. Estas instituições são fundamentais para o processo de recepção. E, finalmente, Orozco (1996) destaca a mediação Videotecnológica como parte intrínseca do processo de recepção televisiva. Esta mediação se refere às características específicas da televisão. A televisão como meio eletrônico produz uma série de mecanismos que configuram seu discurso: alto grau de representatividade e de verossimilhança (que permite naturalizar seu discurso “ante os olhos da audiência”), a programação, os gêneros, a publicidade, entre outros.

Por último, Orozco (1996) considera fundamental, como Martín-Barbero (2009), a mediação Cultural, por ser onde as demais se localizam e se configuram, pois aí todas as informações se originam, o consumo se efetiva, o sentido é produzido, a identidade se constrói. Aí também se elabora o processo cognoscitivo, cujo mecanismo não funciona independente do contexto cultural, que em boa medida o condiciona. Não era objetivo deste texto, por sua natureza, entrar no mérito de cada perspectiva, tampouco fazer uma crítica mais consistente sobre teoria ou epistemologia das mediações. Por isso, considera-se que a simples apresentação dos pressupostos com suas características e limites já indiquem elementos suficientes, para pensar as mediações que permeiam o processo comunicativo do Vila Notícia.

3. Repensando o conceito de comunicação comunitária

Muitas foram as mediações que intervieram no percurso da comunicação comunitária ao longo de sua trajetória histórica. Dentre elas, estão as Comunidades

Eclesiais de base (CEBs), a Igreja Católica, os movimentos sociais populares, os movimentos sindicais, as assessorias de comunicação vinculadas a determinados partidos políticos, os centros e os institutos de comunicação popular alternativa, dentre outros. Explicamos novamente que a retomada do conceito de comunicação comunitária construído, principalmente por Peruzzo (1998, 2006, 2008, 2012), é importante porque nos propomos a pensar nas transformações que este conceito sofre em novos contextos políticos e sociais do século XXI.

Segundo Peruzzo (2008), no Brasil, paradoxalmente, é no contexto da ditadura militar que se intensificam as práticas de comunicação comunitária, mais precisamente na década de 70 e 80. Antes tivemos a trajetória da imprensa alternativa, mas vivenciada por militantes de esquerda, porém fundamental para o contexto de mobilização social e redemocratização do Brasil (KUCINSK, 2001). No caso brasileiro, experiências desse tipo estiveram relacionadas à resistência e à ditadura militar, imposta deste 1964, quando jornais transformaram-se em espaços de denúncia do regime autoritário ou mesmo de ruptura com a forma tradicional de produção do jornalismo (KUCINSK, 1991).

Falar de comunicação comunitária envolve falar de América Latina, marginalizados e transformação social. Essa temática que se destacou nas décadas de 70 e 80, devido ao contexto político, econômico e social, está longe de ser esgotada. Segundo Peruzzo (2006), a comunicação comunitária não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação. Sobre este período já podemos falar de uma comunicação mais vinculada aos contextos dos bairros. Durante o período de organização dos movimentos populares, na década de 80, no qual, jornais comunitários, foram produzidos intensamente (FESTA, 1986).

Segundo Peruzzo (2010, p.28-29), a comunicação comunitária trata-se de uma vertente formada por iniciativas populares no contexto de bairro, comunidades, movimentos sociais e organizações civis sem fins lucrativos. Estas práticas comunicativas e seus atores constroem uma outra comunicação que se diferencia da mídia comercial pelos conteúdos, formatos, produção e participação popular. Para a autora a comunicação comunitária tem como elemento principal o processo, nas práticas sociais e nas relações que se estabelecem, e não somente nos veículos e meios utilizados. Esse tipo de comunicação também é

estudada a partir de suas ambiguidades e contradições e não, apenas, com esse olhar mais utópico.

4.Contextualizando os sujeitos e o lugar da Pesquisa

O Vila Velha é o quinto bairro mais populoso da capital, são mais de 57 mil moradores segundo os dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em extensão, é o oitavo maior da Capital. Compõe o bairro cinco grandes conjuntos habitacionais: Assunção, Nova Assunção, Conjunto dos Bancários, Planalto da Barra e Conjunto Beira Rio. Esses conjuntos habitacionais pertenciam ao bairro mais antigo Barra do Ceará.

O bairro foi denominado à medida de sua ocupação ao longo dos anos, tendo sido construído em regime de mutirão a partir de 1991. Os moradores se orgulham da história do Vila Velha, dizem que cada pedaço foi construído pelas mãos de quem escolheu viver aqui. Adones Taveira Sousa (entrevista, 2010), guarda na lembrança os registros do mutirão, memória que ele narra cheio de orgulho, destacando que a vizinhança toda, viveu essa história. No comércio de Joaci Viana, um morador famoso por saber da história do bairro, explica a razão do nome: “O coronel Carvalho era dono de quase todas essas propriedades. Então, ele fez a vila para os funcionários dele. Aí ele faleceu, ficou a vila, que foi ficando velha, aí apelidaram de Vila Velha”.

A equipe do Vila Notícia de início era formada por seis membros. Dentre os comunicadores que fazem o jornal tivemos inicialmente: Antônio Marcos (32 anos), desing gráfico e ilustrador, Sérgio Onofre (34 anos), professor, Evaldo Paulino (27 anos), auditor de qualidade, Hélio Castro (29 anos), agente comunitário do bairro, Tarciano Albano (34 anos), consultor de marketing, Lorena (25 anos) trabalha com projetos audiovisuais e Olga (23 anos), pedagoga. Estes/as comunicadores/as, muitas vezes alternam idas e vindas na feitura do Vila Notícia. Atualmente apenas três destes comunicadores/as estão mais atuantes na produção do jornal e do site Vila Notícia:

Chamei o Sérgio que é animador de crisma, que tinha essa vocação de trabalhar juntamente com o povo, ainda que não estivesse totalmente vinculado com a Igreja e ele veio e começou a participar e fomos nós, eu, Cassiano, Helio, Evaldo e depois entrou a Olga, ela fazia Jornalismo e agora a Lorena, a noiva do Hélio, ela estudou na Vila das Artes. O Evaldo trabalha na UNIFOR, o Helio é agente comunitário de saúde...(Entrevista Marcus Lima, 2012)

O Vila Notícia existe desde o final de 2007 e segundo os/as produtores que fazem o Vila, este trabalha com o objetivo de promover o nome do Bairro Vila Velha. Em 2011 a equipe do jornal parou de produzir as edições impressas e continuou a alimentar essencialmente o site e as redes sociais. Agora em 2012, três desses comunicadores estão retomando a produção da sétima edição do jornal. O Vila Notícia tem um enfoque plural: cultura, educação, moradia, saúde, segurança, esporte, lazer, denúncias e reivindicações. Também de acordo com os comunicadores o Vila Notícia busca manter os moradores antenados ao que é necessário e ao que é virtuoso em nosso ambiente.

A primeira edição do Jornal Vila Notícia foi distribuída em fevereiro de 2008 e as subsequentes em abril de 2008, janeiro e julho de 2009. Ao todo são seis edições. Encabeça o expediente da primeira edição a frase em formato de anúncio: “O Jornal Vila Notícia é uma publicação gratuita, organizada e desenvolvida por jovens estudantes de comunicação, atuantes e residentes no próprio Vila Velha”. O interessante é que os produtores/as se denominam estudantes de comunicação, quando, na verdade, nem todos/as/ tem formação universitária na área. A maioria destes comunicadores/as possui, entretanto, formação em cursos de design, marketing, administração, direito, pedagogia e áreas afins a comunicação. Cada edição tem a tiragem de 5 mil exemplares, distribuída na medida do possível para os moradores do bairro, além de ser divulgado em locais como a Câmara dos Vereadores, a Assembleia legislativa, as regionais de Fortaleza e em flanelógrafos de shoppings dos bairros de elite da cidade.

A periodicidade do jornal é prejudicada pela falta de recursos, a primeira edição contou com o apoio financeiro de um mercantil local, nas seguintes o grupo vendeu anúncios a partir de cinco reais o que seguramente não contempla as despesas referentes ao processo de produção e distribuição. Para compensar a não periodicidade do jornal impresso, o grupo disponibiliza diariamente notícias no site de mesmo nome, embora saiba que a população viva processos de exclusão ao acesso a internet.

5. Comunidades Eclesiais de Base e a comunicação popular

Temos observado, na pesquisa de campo, que a trajetória das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, no bairro Vila Velha, media a história dos comunicadores que fazem o Vila Notícia. A relação destes com o campo religioso é notada em suas histórias de vida, conforme referências abaixo encontradas nos depoimentos.

Hélio (29 anos), Marcus (32 anos) Tarciano (34 anos), Evaldo, (27 anos) e Sérgio (34 anos) se conheceram no contexto de uma Igreja atuante e voltada para o social. Segundo Evaldo o que o motivou a participar da paróquia do Vila Velha foi o exemplo dos Padres Franciscano. Evaldo participou das CEBs em que dois padres foram marcantes nesse cenário do Vila Velha. Um deles era português e se chamava Álvaro, o outro se chamava Tomás e era um defensor das CEBs. Esses padres estimulavam o amor ao próximo e o sair de si e ir ao encontro do outro. Nesse tempo os projetos sociais eram a grande força do Catolicismo do bairro.

Para Tarciano, a paróquia foi o espaço onde ele desenvolveu a prática de se comunicar com muitas pessoas. “Eu era muito tímido antes de participar da Crisma e do grupo de jovens. Foi no grupo que comecei a ter um olhar para a comunidade, foi no grupo que senti necessidade de fazer algo pelo lugar onde moro”.

Com o passar do tempo, os padres franciscanos Álvaro e Tomás foram transferidos para o bairro Serviluz. O novo padre que veio a coordenar a paróquia do bairro Vila Velha chegou com uma proposta de aprofundar a vida de oração e espiritualidade entre os paroquianos. Sendo assim, os projetos de ação social foram perdendo seu espaço dentro da paróquia. É a chegada do movimento da Renovação Carismática no Vila Velha. Na Renovação Carismática, as práticas de oração e estudo da palavra são priorizadas. Com essa mudança no contexto eclesial do bairro, os jovens produtores do Vila Notícia foram se afastando dos movimentos ligados à Igreja, mas a vontade de dar continuidade aos projetos sociais no bairro permanece e eles se juntam para posteriormente em 2006 criarem o Jornal Vila Notícia. “Não tenho nada contra a renovação carismática. Não adianta só orar, só pedir. Eu tenho que rezar para me fortalecer e fazer. Essa é a dinâmica da vida. Só cantar, cantar e cantar e não agir para mim não vale” (Hélio, Entrevista, 2012).

Como se percebe, a instituição católica e mais precisamente as CEBs, fazem parte da formação dos comunicadores. Neste sentido, se faz necessário situar esta mediação historicamente, para também entender como ela se deu na história do Vila Velha. A Igreja católica no Brasil também protagonizou ações em comunicação popular, geralmente, em meio ao trabalho de educação popular realizado nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Os assuntos cotidianos eram analisados e discutidos aplicando-se o método ver-julgar-agir (GOMES, 1990). Para este trabalho eram produzidos diversos materiais “didáticos” voltados a um público popular. É o ponto de partida, para se pensar veículos de

comunicação popular nas CEBs. No entanto, o que se verifica é que a participação do povo na elaboração destes materiais era limitada.

Para Melo (2005), as CEBs têm sido estudadas como meios de comunicação popular, desde a contextualização sócio-econômico e eclesial até os desafios e papel na sociedade de hoje por se tornar um novo jeito de ser Igreja, se comprometendo com a fé do povo. Melo (2005) considera que as CEBs avaliam criticamente sua comunicação, buscando novos meios, novas formas e abrigam novos conteúdos. Melo (2005), destaca que, a partir da prática dialogal das CEBs é possível perceber alguns sinais que indicam como esta tendência da Igreja vem trabalhando não apenas para dar voz aos que não têm voz nem vez, mas, sobretudo, para que os sem voz e vez construam seus próprios meios de comunicação e através deles emitam sons que nasçam da sua própria vivência. O autor discute que estas práticas comunicativas no contexto das CEBs são moduladas em função das suas perplexidades e esperanças, sem mediação hierárquica, sem intervenção dogmática, sem instrumentação ritualista, conforme afirmou Melo (2005, p.29).

As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que, apoiadas pela Igreja católica, surgem aos milhares no campo e na cidade são os pequenos núcleos nos quais as pessoas se reúnem animadas pela fé cristã, através da qual o trabalhador rural, a dona de casa, o jovem e o trabalhador descobrem os signos de morte e de injustiça, e, a partir do próprio Evangelho, buscam identificar os signos de vida e de transformação da sociedade.

Segundo um estudo de Frei Beto (apud MELO, 1980), no período de 68 a 78, vão surgir cerca de 80 mil CEBs em todo o país, e em algumas regiões foi por meio dessas comunidades que surgiram os movimentos populares, na medida em que elas não faziam apenas reivindicações ligadas à Igreja, mas também de todo o povo da região. É importante ressaltar que, a partir das CEBs, a mulher começa a participar dos movimentos sociais; Festa (1986), discutindo as CEBs nos anos 80, afirma que as CEBs constituem uma verdadeira universidade popular. De fato, no seu interior produziu-se, já nos anos 70, uma rica interação entre educação, cultura e comunicação popular a partir do resgate das próprias experiências, da formação de seus participantes e dos instrumentos de comunicação utilizados para apoiar esse processo (Festa, 1986, p.19).

Para Festa (1986), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) deram início na América Latina a um novo fazer popular, no final dos anos 60, discutindo os problemas que dizem respeito à vida da comunidade, de religiosos ou não, e ampliando a discussão para debates sociais e políticos. Assim, ocorreu o surgimento de uma nova palavra, formando

uma rede de comunicação popular. Mas neste artigo, a questão é: em que medida, as CEBS como mediação, foi apropriada pelos comunicadores produtores do Vila Notícia?

Mas não será apenas a participação nas CEBS que compõem o universo e o repertório dos jovens que elaboram O Vila Notícia. Em pesquisa de campo, percebemos que há um processo de formação profissional destes comunicadores que terão grande influência na constituição do impresso. A seguir tratamos do que os comunicadores nomeiam em seus perfis como uma formação para o empreendedorismo. Perguntamo-nos em que medida esta mediação se integra às demais e compõe a representação desta prática comunicacional vivenciada no bairro Vila Velha, modificando o sentido da prática de comunicação no bairro?

6. Desenvolvimento e empreendedorismo como mediações na comunicação do Vila Notícia

As ideias de desenvolvimento estão presentes no cotidiano das pessoas, muitas vezes de forma implícita, outras explícitas, porém, parece que há nos últimos anos uma busca desenfreada por esse desenvolvimento, principalmente por parte de países, regiões ou territórios. Além disso, agências promotoras do desenvolvimento também propagam essa necessidade de se desenvolver a qualquer custo. Os meios de comunicação, das mais diferentes formas, também reproduzem ideias de modo a demonstrar uma busca por índices econômicos em detrimento de um desenvolvimento social. Descrever a relação entre os meios de comunicação e os discursos sobre o desenvolvimento, numa tentativa de demonstrar que esses meios reproduzem na maioria das vezes apenas as ideias sobre o conceito e não o conceito em si, numa clara demonstração que esse fator serve para reproduzir as funções do capitalismo e de um controle social. É nesse contexto de desenvolvimento que a categoria empreendedorismo aparece como uma mediação no Vila Notícia. Entretanto, como o conceito desenvolvimento e empreendedorismo apresentam diversos significados, procuramos situar algumas possibilidades de reflexões sobre estas categorias.

Em termos históricos, Peruzzo (2012) retoma que em meados do século XX, este conceito foi construído para justificar a necessidade de desenvolvimento e modernização de algumas nações em relação a outras que eram classificadas como atrasadas. A autora ressalta que essa noção de desenvolvimento estava ligada a perspectiva de dominação de nações colocadas como desenvolvidas e modernas que justificam sua dominação em relação

as ditas nações atrasadas que precisam alcançar esse percurso de desenvolvimento. O cenário em questão aqui é o capitalismo em pleno desenvolvimento no século XX e o desenvolvimento está atrelado a este sentido de exploração e desigualdade que deve ser implementado em nome da modernidade. Peruzzo (2012) ainda nos lembra que a compreensão de desenvolvimento fundamentada por uma teoria da dependência que hierarquiza o desenvolvimento para países desenvolvidos e subdesenvolvidos, muitas vezes justificando a hegemonia dos primeiros foi outra noção de desenvolvimento que marcou o sentido de desenvolvimento no capitalismo. Entretanto, o fracasso do desenvolvimento da indústria e o desastroso crescimento dos padrões de consumo com a destruição de bens da natureza, têm levado o homem a refletir sobre a vida que leva. Isto é, pensar sobre os efeitos do processo de crescimento econômico no padrão de vida da sociedade. Essa consciência vem florescendo, principalmente, a partir da Segunda Guerra Mundial. A década de 1990 foi marcada por uma série de debates sobre o chamado desenvolvimento sustentável local e posteriormente desenvolvimento participativo. Este conceito abrange a preocupação da sociedade com a oferta futura de bens e serviços indispensáveis a sobrevivência da humanidade. A ECO-92, no Rio de Janeiro, é um exemplo da preocupação do homem com seu planeta e com seu semelhante. As nações passam a preocupar-se finalmente com os impactos do processo de crescimento na qualidade de vida.

Segundo Fragosso (2005), embora encontremos semelhanças entre as compreensões de desenvolvimento sustentável e local e desenvolvimento participativo, por ambas proporem uma outra forma de desenvolvimento, baseada no respeito aos processos culturais, sociais e de igualdade na compreensão do processo e estilo de desenvolvimento, sem priorizar os aspectos de modernização e lucro, para o autor no desenvolvimento sustentável local tem-se que tomar cuidado para não se exagerar na valorização dos preceitos de desenvolvimento endógeno, construído a partir das riquezas locais, sem desconsiderar os conflitos e tensões presentes no cenário global do capitalismo. Feitos estes cuidados o autor opta pela noção de desenvolvimento participativo que segundo Fragosso (2005) problematiza melhor estes aspectos e ainda deixa mais claro a importância da reflexão dos aspectos de participação de diversos setores e atores neste processo de desenvolvimento. No jornal e no site Vila Notícia é comum encontrar as características mais próximas à compreensão de desenvolvimento local ou de desenvolvimento participativo. Começando com a logomarca que é um trevo de quatro folhas verde,

passando pelas das edições que são impressas em papel reciclado até o conteúdo de algumas matérias como a do mangue, a da coleta seletiva, a das lâmpadas da iluminação pública, a reciclagem de resíduos sólidos, entre outros. Todas as matérias citadas tem relação com a temática da ecologia que tem sido diretamente atribuída ao desenvolvimento sustentável.

Desenvolvemos agora uma reflexão sobre o conceito de empreendedorismo com o objetivo de situar porque trabalhamos com essa categoria, como ela se relaciona com a prática comunicacional do Jornal Vila Notícia e conseqüentemente como essa presença do sentido de empreendedor modifica o conceito de comunicação comunitária na medida em que esta também esta ligada ao conceito de desenvolvimento. Seja este próximo à noção de modernização ou ao significado de desenvolvimento participativo. Segundo Cristiane Marques de Melo (2010, p.2), o interesse pelo tema empreendedorismo aumentou nos últimos anos, tendo como uma das justificativas a necessidade de encontrar alternativas para inclusão da força de trabalho, pois as condições de trabalho foram drasticamente alteradas nas últimas décadas.

O empreendedorismo envolve não apenas o reconhecimento da oportunidade para criar algo novo, mas também reconhecer a oportunidade para o desenvolvimento de um novo mercado, a utilização de uma matéria-prima nova ou ainda o desenvolvimento de um novo meio de produção (SCHUMPETER, 1982; BARON; SHANE, 2007). Observamos que esta noção aparece como uma forma de renovar o discurso desenvolvimentista envolvendo os trabalhadores num tom supostamente participativo.

Segundo Limeira (2008) A moderna concepção de empreendedorismo surgiu com os economistas, sendo Schumpeter (1934) um dos pioneiros na formulação teórica. Para este economista, o empreendedor é um agente de inovação e fator dinâmico na expansão da economia. Nessa perspectiva, o empreendedor é um agente capaz de realizar com eficiência novas combinações de recursos. Ele não é necessariamente o proprietário do capital, mas um agente capaz de mobilizá-lo. Da mesma forma, ele não é necessariamente alguém que conheça as novas combinações, mas consegue usá-las eficientemente no processo produtivo (BYGRAVE, 1989). É clara a relação do conceito com o discurso de eficiência pautado a partir de competitividade entre os indivíduos no capitalismo. Entretanto, com o tempo este discurso sobre empreendedorismo também tem ganhado um tom mais crítico e aparece como uma ação de buscar formas alternativas de se construir ações e atuações culturais. Desse modo, aparece o termo empreendedorismo social.

No contexto atual muito se ouve falar em empreendedores. Atualmente o ser empreendedor é alguém que vem sendo estimulado na comunicação em geral. “Todas as pessoas querem ser empreendedoras”. Propagandas publicitárias, protagonistas de novela, empresários, comunicadores e até partidos políticos fazem uso do termo empreendedor em seus discursos, este termo se refere a uma pessoa que começa um negócio; um novo empreendimento para ganhar lucro e renda. Mas a palavra “empreendedor” não se limita à área de negócios. Veio da língua francesa e significa “alguém que se encarrega ou se compromete com um projeto ou atividade significativa”. A palavra foi associada aos indivíduos que estimularam o crescimento econômico por encontrarem diferentes e melhores maneiras de fazer as coisas. O termo empreendedorismo descreve uma postura, comportamento e conjunto de qualidades. Empreendedores percebem possibilidades, e não problemas, para provocar mudanças na sociedade e não se limitam aos recursos que têm num momento.

A palavra empreendedorismo é derivada da palavra francesa *entrepreneur*, que significa: “aquele que assume riscos e começa algo novo” (DORNELAS, 2001, p.26). Sua principal definição e arcabouço teórico tem origem nas teorias dos economistas Jean-Baptiste Say (1827) e de Joseph Schumpeter (1949). Na atualidade é entendido como empreendedor: “... aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ele, assumindo riscos calculados” (DORNELAS, 2001, p.37); ou ainda: “empreendedor é alguém capaz de desenvolver uma visão, mas não só. Deve saber persuadir terceiros, sócios, colaboradores, investidores, convencê-los de que sua visão poderá levar todos a uma situação confortável no futuro [...] é alguém que acredita que pode colocar a sorte a seu favor, por entender que ela é produto do trabalho duro [...] o empreendedor deve conduzir ao desenvolvimento econômico, gerando e distribuindo riquezas e benefícios para a sociedade.” (DOLABELA, 1999, p.44-45).

Empreendedores sociais têm características semelhantes aos empreendedores de negócios, mas possuem uma missão social onde o objetivo final não é a geração de lucro, mas o impacto social; são os agentes de transformação no setor social. Não se contentam em atuar apenas localmente. Percebemos que os comunicadores estão articulados com uma rede de contatos e pensam em inspirar a sociedade com as suas ideias. No caso específico do bairro, os comunicadores procuram intervir na imagem que a mídia comercial constrói sobre o Vila Velha:

O jornal era muito também pra trabalhar a autoestima das pessoas quando se verem nesse jornal e dizerem nos não somos um bairro como dizem ai na televisão ou aquelas que tem preconceito quando escutam falar no bairro Vila Velha. Então o jornal veio nesse sentido alem do bairro querer incentivar a leitura, as pessoas que veio de outros bairros ou do interior do Ceará, sem muita instrução, e o jornal era uma forma de incentivo à leitura (Entrevista, Francisco Sérgio, março 2010).

Neste caso, pressupõe um compromisso com a comunidade. No empreendedorismo social, os produtores do jornal e do site transcendem o universo de seus interesses particulares e se defrontam com questões de interesse coletivo. Entretanto, sabemos que este termo também enfrenta questões conflituosas e tensas e por isso não deve ser idealizado.

O termo empreendedorismo social também traz consigo, sobretudo para a academia, uma reflexão sobre o conceito de participação. A participação é um direito que implica a possibilidade de manifestar opiniões, intervir. Nas reuniões de pauta, o grupo discute e procura analisar a repercussão das matérias. Tem sido assim no jornal online, com poucas possibilidades de acompanhamento, mas, no jornal impresso, ouvem os leitores que se pronunciam e repercutem dentro da equipe o comentário repassado. Dessa forma os comunicadores do Vila Notícia constroem uma relação com o público:

A gente fez uma matéria sobre o mangue e um leitor chegou pra mim e falou vocês falam muito sobre as pessoas que moram no mangue e não cuidam bem daquela área, mas vocês não falam das grandes empresas que poluem o mangue, então vocês não podem bater na tecla só de quem mora próximo, mas sim das grandes empresas que poluem também. Como a gente não é formado em jornalismo, a gente não tem essa noção do que pode e deve ser publicado, do que é mais conveniente, mas foi bacana. Tem um colega da comunidade que apesar de não participar ativamente ele sempre tem umas críticas bacanas pro jornal, ele mora no bairro também (Entrevista, Antônio Lima março, 2010).

A noção de empreendedorismo está presente no texto de apresentação do Vila Notícia explicitado no site www.vilanoticia.com.br: “Projeto de caráter sócio-educativo-cultural que utiliza a criação literária (em forma de jornal impresso e site) como meio de incentivo à leitura, a busca de conhecimentos, a democratização da informação, ao desenvolvimento crítico da sociedade e a reflexões para motivar a organização social e popular do bairro, e assim, de Fortaleza.”

7. Considerações finais

Percebemos que o conceito de empreendedorismo é relevante para situar as transformações das experiências de comunicação emergentes no bairro Vila Velha. Isto ocorre porque os sujeitos envolvidos nestas práticas comunicativas estão em constante relação com este tema, seja pelo modo como a redação do jornal Vila Notícia apresenta os estabelecimentos comerciais em matérias principais como fontes ou temas de reportagens ou os trazem numa outra representação mais comum e usual como o caso dos espaços publicitários. O espaço concedido as propagandas também deve ser considerado, muitas vezes a parte publicitária do jornal ocupa maior destaque do que algumas matérias. Estes exemplos demonstram que este jornal de bairro traz um modo particular e se relacionar com as mediações comerciais do contexto do bairro e da cidade. Nesse sentido, para entender estas relações é que interrogamos, se o conceito de empreendedorismo pode mediar o conceito de comunicação comunitária sem modificar suas caracterizações, mesmo quando a ênfase se dá através do empreendedorismo social

O que estamos notando na observação da discussão sobre empreendedorismo na pesquisa é que é preciso se perguntar pelos caminhos que este termo se junta a prática de comunicação comunitária. A questão maior é se as noções de participação mais próximas as mediações das CEBs, aos movimentos sociais populares, ao empreendedorismo social e ao desenvolvimento participativo, influenciam a prática comunicacional do Vila Notícia na mesma mediada em que as noções de desenvolvimento concebida na teoria da dependência e da modernização, bem como de empreendedorismo gestada para o mercado capitalista. A pesquisa, até o momento nos revela que todas as questões acima influenciam nosso objeto, mas trazem distinções que pretendemos aprofundar no decorrer da investigação.

Referências Bibliográficas:

BARON, Robert A; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

BYGRAVE, W. D. **The entrepreneurship paradigm (I): A philosophical look at its research methodology**. Entrepreneurship Theory and Practice, 1989.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

- FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- FRAGOSO, Antonio. **Desenvolvimento participativo: uma sugestão de reformulação conceitual**. Revista portuguesa de educação, 2005.
- GOMES, Pedro Gilberto. O Jornalismo alternativo no projeto popular. São Paulo: Paulinas, 1990.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**, São Paulo: EdUsp, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os Anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Trad. e transcrição de Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MELO, José Marques de. **Comunicação e classes subalternas**, São Paulo, Cortez, 1980.
- MESQUITA, Edson Minarete Pacheco de. **Vulnerabilidade sócio-ambiental no bairro Vila Velha em Fortaleza-Ceará**.
- OROZCO G., Guillermo. **Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1996.
- PERUZZO, **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes. 1998.
- _____. **Mídia Comunitária**. In: **Revista Comunicação & Sociedade, no. 30. São Bernardo do Campo**: Editora da Universidade Metodista, 1998b.
- PERUZZO, Cecília. **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2002.
- _____. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília. XXIX Congresso Intercom. São Paulo: Intercom, 2006.
- _____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor**. Palavra Clave, v. 11, p. 367-379, 2008.
- _____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e suas reelaborações no setor**. Eco (UFRJ), v. 12, p. 46-61, 2009.
- _____. **A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@**. XXI Encontro da Compós, 2012
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA - PMF. **Inventário ambiental de Fortaleza: Diagnóstico versão final, Parte 2, Novembro, 2003**.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SINGER, Paul. **Em defesa dos direitos dos trabalhadores**. Texto para discussão. Brasília: Ministério do Trabalho e do Emprego/Secretaria Nacional da Economia Solidária, 2004.
- SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.